

RELAÇÕES DE PODER E MILITARISMO EM *A CIDADE E OS CACHORROS*, DE MARIO VARGAS LLOSA

RELACIONES DE PODER Y MILITARISMO EN *LA CIUDAD Y LOS PERROS* DE MARIO VARGAS LLOSA

Janara Laíza de Almeida Soares¹

Resumo: O presente artigo objetiva analisar as relações de poder no primeiro livro de Vargas Llosa, *A cidade e os cachorros*, publicado em 1962. O romance mostra o difícil processo de vivência de estudantes no Colégio Militar Leoncio Prado, em Lima. A partir de um violento código de conduta e em um ambiente hostil e brutal, os abusos das autoridades com os estudantes vão se reproduzir na relação entre eles, com os mais velhos humilhando os novatos e alimentando o círculo de crueldade. Assim, para rechaçar as ameaças dos veteranos, os estudantes mais novos criam um grupo chamado Círculo. Esse livro mostra experiências vividas pelo próprio autor que, evocando as memórias de quando estudava no Colégio Militar Leoncio Prado, constrói uma narrativa a partir de vários pontos de vista, explorando as relações de poder e abusos impostos pela conduta militar, contra os quais vai lutar tanto em sua vida pessoal quanto em sua obra literária.

Palavras-chave: Literatura Latino-Americana. Mario Vargas Llosa. Militarismo. Relações de poder. *A cidade e os cachorros*.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar las relaciones de poder en el primer libro de Vargas Llosa, *La ciudad y los perros*, publicado en 1962. La novela muestra el difícil proceso de vivencia de estudiantes en el Colegio Militar Leoncio Prado, en Lima. A partir de un violento código de conducta y en un ambiente hostil y brutal, los abusos de las autoridades con los estudiantes van a reproducirse en la relación entre ellos, con los mayores humillando a los novatos y alimentando el círculo de crueldad. Así, para rechazar las amenazas de los veteranos, los estudiantes más jóvenes crean un grupo llamado Círculo. Este libro muestra experiencias vividas por el propio autor que, evocando las memorias de cuando estudiaba en el Colegio Militar Leoncio Prado, construye una narrativa desde varios puntos de vista, explorando las relaciones de poder y abusos impuestos por la conducta militar, contra los cuales va a luchar tanto en su vida personal como en su obra literaria.

Palabras clave: Literatura Latinoamericana. Mario Vargas Llosa. Militarismo. Relaciones de poder. *La ciudad y los perros*.

1. Introdução

A escrita, literária ou não, nos países da América Latina, sempre foi um instrumento importante de intervenção na realidade social. Em uma história de totalitarismos, ditaduras e censuras, escrever se tornou um ato de resistência. Assim como nos jornais, na academia e nas

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: janara_soares@hotmail.com.

ruas, a arte também se configurou como espaço para mostrar e discutir os desajustes e injustiças da sociedade.

A literatura latino-americana tem uma tradição de vínculo com a realidade política, principalmente nas épocas de ditadura militar. É nesse contexto que emerge a literatura de Mario Vargas Llosa. Em seus primeiros livros é constante a problematização do poderio militar e das consequências que a falta de liberdade trouxe para a sociedade peruana como um todo e para os indivíduos – especialmente os escritores e intelectuais – marcados pela interdição da escolha e da livre expressão.

Seu primeiro livro, *A cidade e os cachorros*, publicado em 1962, já apresenta as discussões sobre liberdade que tanto serão exploradas em seus escritos literários e ensaios políticos. Ambientando entre o Colégio Militar Leôncio Prado – onde o autor estudou – e as ruas da cidade de Lima dos anos 1950, o romance mostra o cotidiano dos protagonistas no colégio e o que seria seu processo de transformação em homens. Em seus primeiros dias, as crianças passam por um batismo brutal feito pelos rapazes mais velhos, com rituais de humilhação e mortificação. São situações que vão desde a violência física e psicológica até a violência sexual.

O contexto hostil da escola militar é um ambiente que reflete a sociedade peruana da época. A hipocrisia do discurso militar é denunciado quando o ambiente militar, que prega uma moral civilizada e defensora da Pátria, da Família e da Religião, se configura como *locus* de práticas corruptas e mesquinhas. Da mesma forma que as autoridades do colégio oprimem e castigam os rapazes na tentativa de transformá-los em homens, os estudantes mais velhos transferem essa aprendizagem sádica para os estudantes mais novos, incorporando um código de guerra constante, mesmo estando fora do campo de batalha.

No desenrolar das ações, os estudantes passam por vários conflitos morais que sempre se relacionam com o respeito ao princípio de virilidade que permeia e limita todas as escolhas morais dos estudantes. Todas as ações são observadas e julgadas tendo em vista se são caracterizadas como masculinas ou não. Provar sua condição de “verdadeiro homem” é a justificativa para todos os atos de covardia e de violência para com o outro.

Apesar da obediência a esse princípio, a ânsia de liberdade se estende a todos os tipos de opressão criados pelo ideal de masculinidade. Essa opressão se materializa na família, com o comportamento opressor do pai para com a mãe e para com o filho; na escola militar, que prega uma obediência cega à autoridade, mesmo que essa autoridade seja corrupta; e nas

relações entre os estudantes, que reproduzem os abusos sofridos pela figura do pai e pela figura da autoridade militar.

Todas essas relações de poder presentes no livro de Vargas Llosa têm um aspecto em comum: a autoridade é sempre masculina e exerce seu poder através da virilidade. Mais ainda, a infância e a adolescência dos rapazes se tornam uma luta constante e obrigatória para estar na situação de autoridade, de dominância. Dessa forma, a opressão sofrida pelos personagens do livro não é apenas em relação ao contexto do regime totalitário no Peru e às faltas de liberdades civis. O que os oprime mais diretamente é o código viril que devem obedecer, sendo obrigados a receber e praticar atos de violência para a manutenção de sua masculinidade. O colégio militar é o ápice da virilidade e os personagens do romance não estão lá por acaso.

Observamos isso através de como três dos protagonistas entraram no colégio militar: o primeiro, Ricardo Arana, a fim de se livrar dos abusos do pai, sugeriu que fosse matriculado em um colégio interno. O pai escolhe, então, o colégio militar para “transformá-lo em homem”. O segundo, Alberto, filho de família burguesa, teve notas baixas na escola e o pai, a fim de defender a honra dos homens da família que sempre ficavam em primeiro lugar, colocou o filho na escola militar para que “aprendesse a ser homem”. O terceiro, Jaguar, era um rapaz de baixa condição econômica que roubava com rapazes mais velhos para conseguir dinheiro. Sabia brigar e frequentava prostíbulos. Em um dos roubos, um dos rapazes delatou a ação para a polícia e Jaguar conseguiu fugir, procurando abrigo na casa do padrinho. Lá trabalhava por abrigo e comida e era assediado pela esposa do tio. Sugeriu, também para escapar do ambiente hostil, um colégio interno. Nas palavras do tio, ele deveria se tornar um “homem de bem”, e por isso seria enviado ao colégio militar.

Porque o colégio militar é visto como a solução para os problemas de caráter e disciplina dos garotos? “Ser homem” é diametralmente oposto a “ser mulher”. Dessa forma, não ter uma atitude masculina (não brigar, não se impor, não praticar sexo) é já ser feminizado. Ser associado à mulher e às suas características é considerada como o pior da humilhação, pois a mulher não pode participar dos jogos de poder, não pode possuir; ela obedece, abaixa a cabeça, é usada. Nesse contexto, os jovens rapazes são afastados de tudo o que possa ser associado à condição feminina: o ambiente doméstico, os sentimentos de afetividade, os prazeres que não sejam viris, a falta de iniciativa, a passividade, o comportamento não beligerante etc.

A educação para a guerra leva exatamente ao oposto de todas essas inclinações. O exército é visto como o espaço maior de disciplinarização e masculinização de jovens. Através da disciplina militar e no campo de batalha o rapaz cresce e se torna homem, preparando-se para a vida. Os estudantes do Leôncio Prado têm, obrigatoriamente, que passar por esse ritual de masculinização.

Mas na mesma proporção em que há a opressão e a obrigatoriedade de demonstrar um comportamento específico, também haverá a necessidade de liberdade e resistência, seja em relação à autoridade da escola, do grupo de meninos, ou do pai. A ânsia de liberdade leva os rapazes oprimidos a utilizarem várias estratégias de sobrevivência e de fuga desse contexto hostil.

Tendo em vista esses aspectos observados no livro, analisaremos as relações de poder que se dão nos ambientes do livro *A cidade e os cachorros*, focando nos aspectos da dominação masculina e do ideal de virilidade aliado à disciplina militar.

2. Masculinidade e militarização: convergências

A cidade e os cachorros se passa no início da década de 1950, quando a cidade de Lima estava passando por mudanças drásticas. Começava, nesse período, um movimento migratório dos andinos e de pessoas de outras cidades da costa para a cidade de Lima em busca de melhores condições de vida, o que resultou em um crescimento vertiginoso e na mistura de culturas.

Em 1946, com a eleição de Bustamante, finalizavam no Peru vinte e cinco anos de ditaduras militares e civis. Com a instabilidade política do país levantou-se em Arequipa a “Revolução Restauradora” contra o governo de Bustamante e encabeçada por Odría. Quando o governo de Bustamante caiu, Odría governou durante oito anos através da Junta Militar.

Segundo Mateus Barroso Sacoman (2014), esse período foi marcado pela supressão das garantias individuais, perseguições políticas e o fechamento do Congresso. Odría fez uma política econômica liberal influenciada por uma comissão norte-americana, mantendo a estabilidade econômica e construindo obras públicas como estradas, escolas, hospitais, enfim, modernizando o Peru. O autor lembra, no entanto, que esses avanços foram obtidos através de uma ditadura ferrenha e gastos públicos muito altos. Tais gastos, combinados com a falta de fiscalização, geraram uma grande onda de corrupção.

É durante esse clima de supressão de garantias individuais, corrupção e crescimento urbano que *A cidade e os cachorros* se desenvolve. Os acontecimentos principais se

desencadeiam quando o estudante Cava é escolhido para roubar as questões de uma prova que será entregue para os rapazes do Círculo (uma organização de estudantes mais novos criada para resistir aos batismos, mas que passou a exercer seu poder violento posteriormente). O roubo é descoberto e as sentinelas do dia do roubo entram em detenção até que o ladrão seja encontrado. O estudante Ricardo Arana, uma dessas sentinelas, já estava há muito tempo sem sair da escola por conta de detenções anteriores. Querendo sair do ambiente opressor e também pretendendo encontrar Tereza, a garota de quem gosta, o rapaz se desespera e delata Cava.

Em um exercício de campo, Ricardo é ferido na cabeça e vem a falecer, levando Jaguar, o chefe dos meninos e o mais brutal deles, a ser suspeito de assassinato para vingar a delação. Alberto, amigo de Ricardo, sente-se muito mal pela morte do rapaz e vai até o tenente Gamboa, responsável por sua seção, acusando Jaguar. Como o tenente não acredita de início, Alberto conta todas as coisas que aconteciam na escola sem o conhecimento dos oficiais, como o consumo de cigarros e bebidas, os batismos brutais e as fugas.

As autoridades do colégio temem um escândalo se o assassinato viesse a ser confirmado. Preocupados em manter a imagem da escola, concluem que a morte de Ricardo foi um acidente. O tenente Gamboa, apesar de sua retidão moral, não consegue se impor frente às autoridades corruptas do colégio. Além do tenente Gamboa, Alberto também é ameaçado e levado a não continuar com a história.

No decorrer da trama, os personagens são interpelados constantemente a fazer escolhas morais. Tais escolhas são sempre baseadas em um princípio de virilidade que, por mais que levem a consequências perigosas, devem ser tomadas a fim de se provar seu valor masculino.

Para entender como esse princípio de virilidade está no cerne das escolhas e ações dos estudantes, discutiremos aqui algumas ideias necessárias. A primeira delas é a ideia de masculinidade. Para Robert W. Connel (1995, p. 188) “[...] a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Explicando os termos dessa definição, Connel afirma que falar de uma *configuração prática* significa enfatizar o que as pessoas realmente fazem, não naquilo que é esperado ou imaginado. Por exemplo, dentro do ideal de homem que é propagado pela autoridade militar, a homossexualidade é excluída, mas os ritos de passagem dos estudantes mostram várias situações de práticas homossexuais disfarçadas de jogos e competições, ou explícitas.

Ao se falar de *prática*, deve-se enfatizar que “a ação tem uma racionalidade (enquanto ação competente, propositada e objetivada) e um significado histórico” (CONNEL, 1995, p. 188). Assim, as práticas de abusos e de violência não são impensadas; há um significado construído historicamente que perpassa essas ações e é incorporado pelos estudantes. A *posição dos homens* enfatiza que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos – uma vez que ‘homens’ significa pessoas adultas com corpos masculinos. As crianças aparecem, nesse sentido, como um problema, devendo se tornar homens através da disciplina militar. E, por fim, o termo *estrutura de relações de gênero* mostra que o gênero é uma estrutura ampla, englobando aspectos da economia e do estado, assim como da família e da sexualidade.

Assim sendo, existem várias masculinidades com configurações práticas diferentes. No entanto, num ambiente, sempre haverá masculinidades hegemônicas que são produzidas juntamente e em relação com outras masculinidades (pode-se ter um grupo que produz a masculinidade bélica e outro que produz a masculinidade intelectual e uma delas se tornará hegemônica no ambiente de disputa).

Connel mostra, então, que há uma espécie de política (ou políticas) da masculinidade que deve ser compreendida através de alguns aspectos. O primeiro é a luta pela hegemonia, em que os homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade. Nesse caso, a posição de dominante propicia vantagens materiais bem como vantagens psicológicas. O outro aspecto é o imperialismo, considerado pelo autor como a história que tornou possível as masculinidades hegemônicas dos poderes hegemônicos, que vai da conquista direta e da imposição violenta da masculinidade ao colonialismo econômico indireto, que imprime um ideal de homem empresarial. Analisando o aspecto do imperialismo através da conquista colonial direta, o autor observa a importância dos exércitos europeus para a construção da masculinidade hegemônica, pois importaram a violência organizada das masculinidades militares.

Pedro Paulo de Oliveira (2004) analisa a construção social das masculinidades e localiza o surgimento dos processos de disciplinarização e brutalização dos rapazes na transformação da sociedade medieval para a sociedade moderna, através da criação de algumas instituições específicas, em especial o exército. O autor aponta, então, a formação dos Estados modernos como importante para a construção de comportamentos considerados socialmente masculinos. Os Estados modernos se constituem enquanto tal principalmente por terem o monopólio da força. Para manter esse monopólio foi necessária a criação de exércitos

que mantivessem a autonomia e a soberania das nações. Nascem, assim, o alistamento compulsório e os ideais revolucionários de sacrifício da vida e amor à nação.

Ao serem convocados, os soldados estariam em ação por uma causa nobre: a defesa da pátria. Isso só seria possível se eles demonstrassem sua devoção ao país por meio de sua virilidade e de atos de coragem. Os ideais medievais de bravura e destemor passavam agora a integrar as características fundamentais do soldado devotado e heroico. Exprimia-se cada vez mais a imbricação entre militarização, nacionalismo e masculinidade (OLIVEIRA, 2004, p. 27).

Em pouco tempo, os projetos expansionistas nacionais e a propaganda da guerra criaram uma formação militar em que lidar com a dor e com o perigo era não apenas uma preparação para a guerra, mas também um exercício da autêntica masculinidade, baseada na virilidade absoluta. Assim, a guerra se tornou a escola para a maturidade e o campo de batalha, por sua vez, modelava tanto o corpo quanto o espírito do legítimo homem.

Oliveira (2004) mostra em seu trabalho, através de vários registros, como a violência foi romantizada e o sofrimento do herói identificado com os altos ideais sociais. Mostra, ainda, que esse elemento de sacrifício e a ideia da entrega de si à nação se tornaram radicalizados nos movimentos políticos de caráter messiânico e totalitário que surgiram na primeira metade do século XX – o fascismo, o nazismo e o socialismo.

O nazismo buscou, para o autor, inculcar nos jovens alemães uma disposição belicosa e um espírito guerreiro, em que a exaltação da masculinidade era importante. No fascismo, “a virilidade guerreira do soldado fascista deveria ser conciliada à agressividade direcionada ao inimigo, juntamente com a obediência devida aos seus superiores” (OLIVEIRA, 2004, p. 39). Os revolucionários socialistas, por sua vez, cultivavam também os ideais masculinos do guerreiro heroico, disciplinado e obediente, que não diferiam dos que eram cultivados por nazistas e fascistas. Nos três movimentos políticos, para depreciar o inimigo, utilizavam-se insultos contra a sua masculinidade, comparando-os a mulheres.

Mas como se deu essa associação da masculinidade com o ambiente militar, com o afastamento do mundo feminino e infantil e com a utilização da violência contra o outro?

O trabalho de Bourdieu (2002) sobre a dominação masculina é bastante esclarecedor para analisarmos como se deu, no nível simbólico, a associação da masculinidade com a violência e as suas consequências no âmbito social e individual.

Para o autor, há uma divisão das coisas e das atividades segundo a oposição entre masculino e o feminino. Essa divisão não é natural; é arbitrária e baseada em um sistema de oposições homólogas – alto/baixo, positivo/negativo, bom/mau – em que o masculino é

sempre associado aos elementos considerados melhores e que propiciam a dominação. Mas existe um processo para que essa dominação seja incorporada por homens e mulheres.

É à custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio (BOURDIEU, 2002, p. 32).

As crianças ainda não têm noção total desse privilégio que vem com sua condição de homens. Ricardo Arana, por exemplo, não tem nenhuma vivência de exercício de dominação, sendo apenas dominado pela figura do pai. Os demais rapazes aprendem sua condição de dominantes na rua, mas em diferentes situações: Alberto, que possuiu melhor condição econômica e social, é dominante em relação às meninas do bairro e tenta se impor em relação aos demais meninos da rua; Jaguar aprende através do sofrimento a “ser homem” com outros homens mais velhos, mas percebe sua posição de dominação apenas quando chega na escola e percebe que tem a masculinidade bélica e a virilidade que o permite comandar o ambiente.

A escola militar é um dos espaços de interiorização desse *habitus* viril. Os meninos começam a repetir certas frases e incorporá-las como regra (“Você não é homem?”, “Ele parece uma mulherzinha”, “Tem que ser homem, tem que brigar”). Aos poucos, o espaço do colégio militar vai fazendo com que esse *habitus*, já existente na sociedade, se incorpore com mais afínco nos rapazes.

Os homens dominam e tem a primazia nas construções sociais. No entanto, Bourdieu (2002, p. 62) afirma que “os homens também são prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante”. Isso porque o privilégio masculino e sua manutenção em relação aos outros homens exigem que, em toda e qualquer circunstância, o homem afirme sua virilidade. Bourdieu entende virilidade como “capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança)” (BOURDIEU, 2002, p. 63). A virilidade se constitui também como uma carga, pois os homens deverão obrigatoriamente investir nos jogos de violência masculinos para manifestar ou testar suas qualidades viris, sendo que a guerra é o maior desses jogos.

Essa virilidade deve ser validada por outros homens, a fim de que se possa fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. No caso de *A cidade e os cachorros*, o grupo dos militares é o que, socialmente, constitui o modelo de virilidade. A seguinte conversa entre Alberto e Ricardo, o Escravo, demonstra essa visão:

[...] – Você nunca se meteu numa briga, não é?
– Só uma vez – diz o Escravo.
– Aqui?
– Não, antes.
– É por isso que está ferrado – diz Alberto. – Todo mundo sabe que você tem medo. Precisa cair no pau de vez em quando para te respeitarem. Se não, você está fodido na vida.
– Não vou ser militar.
– Nem eu. Mas aqui você é militar, queira ou não. E o que importa no Exército é ser bem macho, ter colhões de aço, entende? Ou você come ou comem você, não tem saída. E não quero que me comam (LLOSA, 2007, p.24).

É necessário que se demonstre ser “bem macho” para não sofrer violência; deve-se ser capaz de revidar. Quando os meninos chegam à escola, são batizados. Assim, os meninos mais novos – chamados de cachorros – são desumanizados, maltratados, abusados sexualmente e obrigados a servir os rapazes mais velhos. Esse batismo é uma forma de mostrar que são inferiores e que devem obedecer aos fortes. Somente com a entrada de novos garotos e com a possibilidade de repetir o batismo e o flagelo sofridos é que eles saem da condição de *cachorros*. Ser homem, sair da condição de animal, é obrigatoriamente exercer a violência contra o outro.

O sofrimento e a humilhação são o primeiro passo para a escola da virilização. Quando o menino sai da condição de *cachorro* ele ainda precisa provar, constantemente, sua situação de homem. Daí os desafios, as brigas, os estupros coletivos de animais e de garotos mais novos, em que são testados para afirmar para os demais sua virilidade pela violência, fora das ternuras afetivas que são femininas e desvirilizantes. Vemos, por exemplo, o conflito de Alberto quando começa a se tornar amigo de Ricardo, tratando-o de forma humilhante ao mesmo tempo em que o auxilia e faz confidências com ele.

Ricardo não tem problema em demonstrar gratidão, respeito e carinho. Alberto, no entanto, mantém-se duro em relação ao rapaz. Numa das cenas iniciais, no momento em que desponta a amizade entre os dois, ao roubarem um casaco para Ricardo, este demonstra afetividade em relação a Alberto, uma coisa que os rapazes não sabem como fazer e entram em conflito. Gostar de alguém, demonstrar amizade e carinho sempre será associado a qualidades femininas e evitado, como Alberto faz no trecho abaixo:

– Obrigado – diz o Escravo. Pôs novamente a mão no braço de Alberto e o fita nos olhos com sua cara tímida e rasteira iluminada por um sorriso.
– Faça para me divertir – diz Alberto (LLOSA, 2007, p. 28).

Apesar de se importar com o colega, Alberto sempre dirá que não, que suas boas ações não são impulsionadas por nenhuma compaixão ou identificação, mas sim pelo desejo de perigo. Não demonstrar os sentimentos é uma forma de defesa nesse ambiente hostil.

Assim, com medo de serem remetidos à categoria dos fracos, dos delicados, das “mulherzinhas”, dos “veados”, eles fazem desafios e criam situações para demonstrar coragem. No entanto, segundo Bourdieu, essa coragem se pauta, na verdade, em covardia, pois são situações em que

[...] para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo ‘viril’ de ser excluído do mundo dos ‘homens’ sem fraquezas, que são chamados de ‘duros’ porque o são para com o próprio sofrimento e para com o sofrimento dos outros (BOURDIEU, 2002, p. 65).

Para contar a história, Vargas Llosa usa vários narradores e vários pontos de vista que mostram as percepções das diferentes personagens – já que são diferentes no que diz respeito à classe social, à formação familiar e às personalidades etc. Podemos perceber, dessa forma, que a opressão vivida é diferente para cada um.

Um dos principais pontos de vista é o de Alberto. Chamado por seus colegas de “poeta”, por escrever e vender “romancinhos” – contos eróticos – e cartas de amor, o rapaz se encontra em um meio termo dentro de um ambiente de extremos. Morador do bairro de Miraflores, Alberto tem certos privilégios sociais que os outros rapazes não têm. Sua forma de ver o mundo – muito mais voltada para o ideal de homem da família burguesa do que para o ideal de guerreiro – é um contraste em relação aos demais pontos de vista da história.

Não tendo uma vivência como a de Jaguar, que foi criado nas ruas, roubava e frequentava prostíbulos com homens mais velhos, Alberto incorporou menos esse *habitus* no que diz respeito à empatia. Seu conflito maior é portar-se com frieza masculina mesmo tendo sentimentos e percebendo as injustiças cometidas com os colegas.

Assim, o ambiente militar vai propiciar a vivência de um ideal de virilidade que levará os garotos a exercícios extremos de violência para garantir, frente aos outros, a manutenção dessa virilidade. Não há como fugir dessa prática de violência, pois não a exercer significa sofrê-la.

3. A casa dos homens

O que esse homem militarizado, violento e viril vai fazer em época de paz? A educação bélica que não teria necessidade de ser exercida em tempos de paz foi transferida

para vários aspectos da vida, principalmente para as relações de gênero. Já foi decidido socialmente que constituir-se homem é passar pela violência, sofrendo-a ou exercendo-a. Assim, os ritos de passagem da condição de criança para a condição de homem serão feitos, de acordo com Daniel Welzer-Lang (2001), no espaço que ele chama de *casa dos homens*.

A casa dos homens é, como Daniel Welzer-Lang (2001, p. 462) a define, o conjunto de lugares e espaços monossexuados onde se dá a estruturação do masculino de maneira paradoxal, bem como a inculcação nos garotos da ideia de que, para ser um homem de verdade, é necessário combater os aspectos que o associariam às mulheres.

O Colégio Militar Leoncio Prado é um desses espaços. É visto pelos pais dos estudantes como uma forma de masculinizá-los e torná-los mais viris. É o caso do pai de Ricardo Arana, para quem a proximidade com a mãe, o carinho demonstrado entre os dois e a introversão do filho são demonstrações de fraqueza e de falta de virilidade.

Ricardo cresceu sem o pai, acreditando que ele estaria morto. Certo dia, a mãe fala para ele que o pai está vivo, que tinha saído em uma longa viagem e que agora morariam com ele, em Lima. Ricardo, com apenas oito anos, não se acostuma com a atmosfera fria da casa do pai e também não se afeiçoa a ele. É esquivo, evita os pais, evita conversas. Em pouco tempo o pai começou a demonstrar sua dominação e a projetar para o filho a ideia de virilidade:

Certa noite, ouviu que falavam dele no quarto ao lado. “Ele só tem oito anos”, dizia a mãe, “vai se acostumar”. “Já teve tempo de sobra”, respondia o pai, e a voz era diferente: seca e cortante. “Ele não conhecia você”, insistia a mãe, “é uma questão de tempo.” “Você não educou direito esse menino”, dizia ele, “a culpa é sua. Parece uma menina” (LLOSA, 2007, p. 75).

Assim, a associação ao feminino será o principal insulto utilizado em relação aos garotos, tanto em casa quanto no colégio. O pai e os oficiais tentarão sempre afastar os garotos de quaisquer aspectos femininos, e os colegas se certificaram de utilizar a coerção, a violência e a chacota, auxiliando o processo e reproduzindo o comportamento já naturalizado na sociedade.

A figura do pai, do homem duro, ameaçador e agressivo, será sempre aterradora para Ricardo. A cena em que o pai bate na mãe e nele mostra o espanto da criança: ele nunca havia apanhado, não sabia o que estava acontecendo e nem como agir. Sempre que começava a pensar em algo, a mão do pai descia sobre ele e o interditava. O primeiro contato que teve com o que seria sua “referência masculina” foi de medo e dor.

É o pai que o obriga a deixar o “mundo das mulheres”, do qual fala Welzer-Lang (2001, p. 462), para entrar em um ambiente que o tornará “homem”. Desejoso de sair de perto do pai, Ricardo aceita a ideia do colégio interno de bom grado, sem saber que lá dentro passaria por provações tão duras ou piores do que aquelas pelas quais passava em casa.

Também o pai de Alberto, apesar de não ser uma figura agressiva, impõe sua dominação. Desde as primeiras cenas em que aparece, já sabemos que o pai de Alberto não respeita as normas do casamento: trai a mulher, bebe, frequenta lugares perniciosos. A mãe de Alberto não aceita esse comportamento que, para o pai, é normal, pois ele é homem. Alberto não olha o pai como uma autoridade: ele se resignado perante a figura paterna, mas com consciência de que ele não possui moral para quaisquer tentativas de educação.

– Alberto – gritou a mãe exasperada. – Não deixe que ele me insulte. Não basta me humilhar na frente de toda Lima, agora quer me matar. Faça alguma coisa, filho!

– Pai, por favor – disse Alberto, sem entusiasmo. – Não briguem.

– Cale a boca – disse o pai. Adotou uma expressão solene e superior. – Você é muito jovem. Algum dia vai entender. A vida não é tão simples.

Alberto teve vontade de rir. Certa vez, vira o pai no centro de Lima, como uma mulher loira, muito bonita. O pai o viu também e desviou os olhos. Naquela noite, viera ao quarto de Alberto, com uma expressão idêntica à que acabava de assumir, e dissera as mesmas palavras (LLOSA, 2007, p.83).

Por mais paradoxal que seja, o pai de Alberto o colocou no colégio militar para manter “a honra” dos homens da família.

[...] – Isso nunca aconteceu na minha família. Isto aqui é uma vergonha para mim. Sabe há quanto tempo nós ficamos em primeiro lugar no colégio, na universidade, em todo lugar? Faz dois séculos! Se o seu avô visse um boletim desses, morreria no ato. [...] Isto aqui é um escândalo. Não vou deixar você jogar meu nome no chão (LLOSA, 2007, p. 210).

A ironia desse discurso é desconcertante. Essa honra, obviamente, não diz respeito a como tratam as mulheres com quem se casaram, como se portam no casamento – a mais sagrada das instituições burguesas – mas como são vistos em relação aos outros homens: é um escândalo não estar em primeiro lugar nos jogos sociais.

Estando dentro da *casa dos homens*, do espaço monossexualizado que os separará da figura feminina e da vida infantil, os garotos participarão dos jogos e das regras que ali se impõem. Para Welzer-Lang (2001, p. 463), os ritos são operadores hierárquicos para que os meninos aprendam a respeitar os códigos. Isso exige que incorporem – integrem corporalmente – os não-ditos, como o não-dito de que a aprendizagem se faz através do sofrimento. Deve-se aprender a aceitar o sofrimento e incorporar o capital de atitudes (gestos,

movimentos, reações masculinas) que contribuirão para que o garoto se torne um homem e seja aceito enquanto tal.

Se a aprendizagem só se faz pelo sofrimento, os abusos serão constantes na vida dos cadetes. Eles sofreram pelas mãos dos oficiais do colégio, que aplicam castigos como forma de disciplina, e pelas mãos dos próprios colegas, que utilizam a violência como forma de conquista e manutenção de poder. Nas palavras de Welzer-Lang:

Outras formas de abuso [além dos abusos sexuais] – frequentemente suas próprias preliminares – são cotidianas, complementares ou paralelas aos abusos sexuais. Abusos individuais, mas também abusos coletivos. Que se pense nos diferentes golpes: socos, pontapés, empurrões. As pseudobrigas nas quais, na realidade, o maior mostra sua superioridade física para impor seus desejos. As ofensas, o roubo, a ameaça, a gozação, o controle, a pressão psicológica para que o pequeno homem obedeça e ceda às injunções e aos desejos dos outros... Há um conjunto multiforme de abusos de confiança violentos, de apropriação do território pessoal, de estigmatização de qualquer coisa que se afaste do modelo masculino dito correto. Todas as formas de violência e de abuso que cada homem vai conhecer, seja como agressor, seja como vítima. Pequeno, fraco, o menino é uma vítima marcada. Protegido por seus colegas, ele pode agora fazer outros sofrerem o que ele tem ainda medo de sofrer. *Exorcizar o medo agredindo o outro e gozar dos benefícios do poder sobre o outro* é a máxima que parece estar inscrita no frontal de todas essas peças (WELZER-LANG, 2001, p. 464).

Existem formas de fugir e de lutar contra esse destino a que os rapazes estão condenados? Não no colégio militar. O personagem que mais se distancia desse ideal é Alberto, que “se faz de louco” para não precisar brigar o tempo inteiro. Sua estratégia é transferir a ferocidade para os insultos verbais e as injúrias pornográficas. Através da construção discursiva, Alberto, o poeta, consegue se esquivar das brigas.

Os outros não têm essa habilidade. Ricardo Arana é o que mais sofre com os abusos, pois não consegue reproduzi-los nos outros. Sendo o mais fraco, o medroso, não é, por fim, um verdadeiro homem, devendo ser eliminado.

Considerações Finais

A história dos estudantes do Colégio Militar Leoncio Prado nos faz refletir sobre a condição de violência imposta aos rapazes por uma norma mítica masculina, nos termos de Audre Lorde (1984). Caso não exerçam essa violência – que é historicamente constituída até se tornar um *habitus* (BOURDIEU, 2002) – eles a sofrerão.

A virilidade, nos termos de Bourdieu (2002), também se constitui como uma carga, pesada e dolorosa, pois investir nos jogos de violência masculinos é sofrer corporalmente e, às

vezes, moralmente, pois a violência não se exerce na base de algum tipo de justiça, mas sim na manutenção do poder. O exercício da violência contra o mais fraco está na base dessa manutenção.

Através do estudo de Pedro Paulo de Oliveira (2004), vimos que a necessidade de manutenção do monopólio da força na constituição dos Estados modernos criou uma ideologia de disciplinarização e brutalização dos homens para que servissem ao exército, acreditando que os assassinatos e sofrimentos de guerra se justificavam nos ideais revolucionários de sacrifício da vida e amor à nação. Constrói-se, assim, dentro do exército, um tipo de homem que deve, obrigatoriamente, aguentar a dor, o sofrimento, a fome, a humilhação. Além disso, não deve se sentir culpado em exercer o poder e a violência sobre o outro, pois se não o fizer, é ele quem irá sofrê-los.

O ideal de virilidade se torna, dessa forma, tão opressor para as liberdades individuais quanto os Estados totalitários. Não há como os garotos fugirem sem sofrer algum dano moral ou físico. No caso de *A cidade e os cachorros*, vemos como acontece essa repressão de sentimentos, de ações, de posturas que não sejam masculinas. Como os personagens estão no momento de saída da infância, o espaço da escola se constitui no que Welzer-Lang (2001) chamou de a *casa dos homens*, um espaço monossexuado em que os rapazes mais novos convivem com outros mais velhos (já autorizados enquanto homens) e acabam sofrendo abusos condicionados pela ideia de virilidade e de exercício de poder.

Esses jovens, ainda alheios à realidade social e política do país, terão um primeiro desafio em busca da liberdade: sobreviver à dominação viril que lhes é imposta. Passar pela *casa dos homens* sem sofrer ou cometer abusos é quase impossível. A escolha de não cometer abusos contra o outro terá sua consequência – Ricardo Arana é o maior exemplo. O crescimento das personagens se dá na medida em que entendem o absurdo desse código. Quando Jaguar, o rapaz que exercia o poder entre os estudantes, confirma o assassinato e pede ao tenente Gamboa que o entregue à justiça, finalmente entende o sofrimento do rapaz assassinado: “Eu não sabia o que era viver esmagado”. O conflito não está apenas em sobreviver à violência, mas também em superar esse código.

Referências

AUDRE, Lorde. “Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference”. In: *Sister outsider: essays and speeches*. Freedom, CA: Crossing Press, 1984, pp. 114-123.
BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONNELL, Robert W. "Políticas da masculinidade". *Educação & Realidade*. v. 20 (2); jul./dez. 1995, p. 185-206.

LLOSA, Mario Vargas. *A cidade e os cachorros*. Tradução de Samuel Titan Jr. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SACOMAN, Mateus Barroso. *Da serra à costa: migração e modernização peruana na obra de Mario Vargas Llosa (1950-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista. São Paulo-SP, 2014.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.460-482. ISSN 0104-026X. Acessado em 01/06/2017.

Artigo recebido em: 15/06/17

Artigo aceito em: 18/07/17